

A INTERAÇÃO SIMBÓLICA NA ERA DIGITAL: entendendo redes sociais com Blumer¹

THE SYMBOLIC INTERACTION IN THE DIGITAL AGE: understanding social networks with Blumer

Jorge Antonio de Moraes Abrão²
Anderson Vinicius Romanini³

Resumo: *O presente trabalho pretende recuperar as premissas básicas do Interacionismo Simbólico, como entendido por Herbert Blumer, de modo a atualizá-las buscando entender os processos de interação nas redes sociais.*

Palavras-Chave: *Interacionismo simbólico. Redes sociais. Internet.*

Introdução

Neste trabalho, procuramos estabelecer um debate sobre a interação nas redes sociais na atualidade utilizando as premissas básicas do Interacionismo Simbólico (IS, doravante) como propostos pelo pensador americano Herbert Blumer, pois vemos as redes sociais como um ambiente de interação simbólica. A esse pilar teórico buscamos somar alguns conceitos o Pragmatismo de origem peirceana, pois acreditamos que este se constitui uma das bases do primeiro, além de fornecer pistas importantes para um melhor entendimento das relações de significação no ambiente virtual.

De Peirce a Blumer: um percurso

O pragmatismo teve sua origem na segunda metade do século XIX com um grupo de pesquisa informal formado por Charles S. Peirce, Willian James Oliver Wendell Holmes Jr., Joseph Warner, Nicholas St. John Green, Chauncey Wright, John Fiske, Francis Ellingwood Abbot. Esse grupo se intitulava “O Clube Metafísico”, segundo De Waal (2007), esse nome era utilizado de forma “meio desafiadora, meio ironicamente”, pois nessa época “a metafísica era considerada fora de moda”.

¹ Trabalho apresentado à DTI 1 - Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação do XV Congresso IBERCOM, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: j.abrao@gmail.com

³ Docente no Programa de Pós-Graduação Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paul. E-mail: viniroma@gmail.com

Após alguns meses, o grupo se dissolveu sem deixar nenhum registro oficial. Porém, Peirce, temendo que as ideias ali discutidas fossem esquecidas, escreve dois ensaios, “A fixação das crenças” e “Como tornar as nossas ideias claras”, que apesar de não incluírem o nome “pragmatismo”, apresentam sua primeira versão (HAUSMAN apud SANTAELLA, 2010). Em “Como tornar nossas ideias claras”, Peirce apresenta o que seria considerada a máxima pragmática:

Considere quais efeitos, que possivelmente podem ter aspectos práticos, imaginamos existir no objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto da nossa concepção do objeto. (W3 266 apud SANTAELLA, 2010)

Para Pozzoli (2016) este trecho é um marco na história do Pragmatismo e a partir dele que irá se desenvolver o pensamento pragmático. Entretanto, a autora nos lembra, Willian James foi o responsável por popularizar e pela projeção internacional do movimento, dando à teoria um novo direcionamento. Assim, temos uma primeira divisão no Pragmatismo, resumida por De Wall da seguinte maneira:

Em sua interpretação mais estreita, sustentada de maneira proeminente por Peirce, o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de qualquer conceito nada mais do que a soma de suas consequências práticas concebíveis. Desse ponto de vista, conceitos que não tenham consequências práticas concebíveis não têm significado e, se as consequências práticas concebíveis de dois conceitos são idênticas, ambos os conceitos são sinônimos. Em sua interpretação mais ampla, que começou com James, o pragmatismo não é somente uma teoria da significação, mas também e de maneira mais proeminente, uma teoria da verdade. Como os manuais de filosofia gostam de dizer, para o pragmatista uma coisa é verdadeira quando é vantajoso acreditar nela. (DE WALL, 2007, p.18)

Aqui, nos apoiaremos, principalmente, na vertente peirceana do pragmatismo, pois a consideramos mais adequada ao nosso intuito de entender os processos de significação nas redes sociais. Ressaltamos, ainda, que não buscaremos esgotar a discussão a respeito desse pragmatismo, mas sim, procurar pontos de contato entre o pensamento peirceano e o de Blumer de modo a ancorar nossas reflexões, abrindo caminho para futuras investigações acerca do tema.

Segundo De Wall (2007), o pragmatismo foi criado como um método de determinar o significado das palavras, especialmente quando empregadas nas ciências e na filosofia, ou seja, é mais um método de fazer filosofia que uma teoria filosófica, seu objetivo é determinar o sentido de um conceito abstrato a partir dos efeitos práticos que derivam de tal conceito, pois tais efeitos são o significado desse conceito. Note-se que, para Peirce, palavras e conceitos são

símbolos – um tipo de signo geral que pode se fundamentar tanto em convenções sociais, quanto em hábitos que emergem no processo de interação entre membros de uma comunidade.

Símbolos surgem, portanto, em um processo de interação social que ocorre na experiência compartilhada, e que envolve estágios cognitivos que vão desde a percepção de informação relevante (ou o que Gregory Bateson [1972]) chama de “uma diferença que faz diferença”), até a capacidade de representar e comunicar essas informações coletadas por meio da comunicação social, quando os símbolos se tornam os veículos de compartilhamento de crenças e guias para as condutas que naturalmente decorrem da aceitação social dessas crenças. Se a percepção da dúvida confronta nossas crenças estabelecidas e turva nossas mentes, caberá à interação simbólica entre os membros da comunidade a produção de uma nova crença interpretativa que reconduza a mente coletiva a um novo estado de crença, recuperando a clareza perdida quando a dúvida surgiu. Esse processo evolutivo, que permite aos símbolos crescerem e se desenvolverem por meio da interação social, só é possível porque símbolos incluem necessariamente dois outros tipos de signos: ícones e índices. No interior dos símbolos, os ícones são responsáveis pela compreensão da realidade, e são chamados “metáforas” – e operam por similaridade. Por sua vez, os índices são responsáveis pela extensão da realidade, e são chamados “sintomas” – e operam por contiguidade. É por isso que um emoji, por exemplo, pode comunicar, metaforicamente, o estado emocional de um usuário das redes sociais, desde que ele seja publicado no espaço cibernético onde se localiza o perfil desse usuário, criando uma relação de contiguidade indicial, ou sintomática.

De fato, sendo o objetivo da máxima pragmática o alcance do maior grau de clareza possível das ideias, uma ideia clara pressupõe a mudança de um estado dúvida para um estado de crença, Segundo Peirce:

A dúvida é um estado desagradável e incômodo, de que lutamos por libertar-nos e passar ao estado de crença; este é um estado de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transformar na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos. (PEIRCE, 1975, p. 77)

Para o Peirce, a crença e a dúvida são estados mentais que se relacionam; a crença é o estado mental que determina uma regra de ação e se fixa no hábito. Já a dúvida é o estado que de alguma forma nos move à inquirição, isto é, nos move em direção a uma nova crença. Conforme o autor, tanto a dúvida quanto a crença levam à ação: a primeira porque, ao criar um desconforto, mobiliza-nos a fim de estabelecer uma nova crença que elimine tal desconforto intelectual; e a segunda, porque é parte indispensável da conduta humana, pois sem ela não

saberíamos como nos comportar nas várias situações (cf. CP 5.373). O objetivo maior da inquirição é a aquisição de uma crença e o abandono da dúvida, de modo que seja adquirido um hábito que molde a nossa conduta e a partir do qual possamos agir em situações futuras; assim, o hábito é caracterizado como a fixação da crença. Para Peirce (CP 5.370-71), a crença é o que guia nossos objetivos e molda a maneira como agimos, sua essência é o estabelecimento de um hábito e, portanto, crenças diferem pelos diferentes modos de ação a que dão origem (CP 5.398).

A crença alcançada não é necessariamente verdadeira, bastando que nos satisfaça, ou nas palavras de De Wall (2017, p 32), o propósito da inquirição é “alcançar a crença ou estabelecimento da opinião de alguém”. Ainda, para De Wall:

Se o único propósito da inquirição é estabelecer a crença, e se a crença é um hábito ou uma disposição a agir, então a significação de uma palavra, sentença ou sinal rodoviário deve naturalmente ser entendida em termos de hábitos ligados a eles; quer dizer em termos de como eles nos levam a agir (DE WALL, 2007, P 39)

Por essa ótica, podemos entender o método pragmático como um critério para determinar o significado de um conceito, a partir da fixação da crença pelo hábito. O significado de algo é, assim, produto da relação conceito e hábito. Ou ainda, nas palavras de Peirce “o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos envolvem” (EP 1.131 *apud* DE WALL, 2007).

Apesar de Blumer não apreciar completamente a importância do pragmatismo de Peirce e este não ser reconhecido diretamente na história do Interacionismo Simbólico (Bakker, 2005, p. 76), acreditamos que os conceitos de dúvida, crença e hábito, conforme expostos acima, se relacionam com as premissas do Interacionismo Simbólico; desse modo, a próxima seção é voltada à essa corrente teórica e sua relação como o pragmatismo peirceano e, em seguida, apresentaremos nossa discussão sobre sua aplicabilidade no estudo das rede sociais.

O Interacionismo Simbólico

O termo “Interacionismo Simbólico” foi criado por Herbert Blumer, em meados da década de 1937, a fim de nomear uma nova perspectiva de estudo da sociedade que fosse baseada em um modelo de comunicação interacional. Essa perspectiva, inicialmente elaborada por George H. Mead, teve em Blumer a figura responsável por sua continuidade e divulgação. Tanto Mead quanto Blumer fazem parte de uma tradição sociológica conhecida como Escola de Chicago, que se desenvolveu entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do

século XX.

Segundo França e Simões (2014, p. 138), nesse período, Chicago passava por um momento de grande crescimento urbano e populacional, atraindo imigrantes estrangeiros e migrantes de outras regiões dos EUA e, portanto, se firmando como uma das maiores cidades do país. Esse crescimento não impulsionou apenas o desenvolvimento industrial da cidade, mas, também, incentivou a vida artística, cultural e intelectual. Nesse cenário, marcado pela diversidade de grupos e estrangeiros, nasce a Escola de Chicago, que se configura como uma sociologia urbana que busca pensar sobre os grupos da cidade e nas relações que ali se configuram. Para Bueno (2015), a essa Escola, além de ser pioneira no olhar para a comunicação interpessoal ao considerar o indivíduo como sujeito ativo no processo comunicacional, foi “precursora na defesa do papel crucial das novas tecnologias como motor de mudança na forma de nos organizarmos” (idem, p.58).

Para as autoras, o pragmatismo aparece como um grande alicerce teórico para a Escola, pois que suas contribuições são, então, deslocadas da filosofia para as ciências sociais, principalmente, por John Dewey e George H. Mead. Desse modo, a noção de experiência é tida como central e entendida como o resultado da interação entre os indivíduos e o ambiente que o cerca.

Este é lugar importante de convergência para do Interacionismo simbólico com a Pragmatismo, pois os indivíduos se constituem pela ação. Sendo a linguagem parte constituinte do mundo social devido sua ação socializadora e no reconhecimento dos universos sociais nos quais os indivíduos e seus agrupamentos são formados. E que a relação dos sujeitos com os objetos deve ser percebida no processo de interação social, já que esses objetos pressupõem práticas sociais significativas. E, ainda, que a produção de um universo social carregado de sentido, constitui-se por um processo de construção de “objetos” que possam ser reconhecidos pelo grupo por meio da interação social. Temos que a capacidade social de produção de objetos dotados de sentido depende da capacidade de produção e de interpretação desses significados; da capacidade do indivíduo de estabelecer os limites dessas coisas, ou seja, definir os significados dos conceitos de forma clara.

O Interacionismo simbólico defende a hipótese de que os 'universos' acessíveis aos seres humanos e seus grupos compõem-se de 'objetos', e que estes são o produto da interação simbólica. Entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido – uma nuvem, um livro, uma legislatura, um banqueiro, uma doutrina religiosa, um fantasma etc. Para nossa maior conveniência, podemos classificar os objetos em três categorias:

(a) objetos físicos, como cadeiras, árvores ou bicicletas; (b) objetos sociais, como estudantes, padres, o presidente, a mãe ou um amigo e (c) objetos abstratos, como princípios morais, doutrinas filosóficas ou conceitos tais como justiça, exploração ou compaixão.(BLUMER In: MORTENSEN, 1980 p. 127)

Também, é central para essa tradição, a noção de comunicação, pois os agrupamentos humanos existem em ação e a interação determina essas ações, ou seja, o modo de ação de um indivíduo causa reações em seu interlocutor, que por sua vez, embasam o comportamento do primeiro.

O processo comunicativo é visto como uma interação ou troca simbólica, realizada através da linguagem, por ações e reciprocamente referenciadas de sujeitos que têm consciência dos sujeitos e da sociedade que edificam (FRANÇA & SIMÕES, 2014, p. 143)

Blumer busca em Mead o conceito de interação social, no qual identifica duas formas de interação social: a não-simbólica e a simbólica. “A interação não-simbólica ocorre quando se reage diretamente a ação de outra pessoa sem interpretá-la; a interação simbólica refere-se à interpretação do ato” (BLUMER, 1980, p. 125). A interação simbólica é a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não pela ação direta do indivíduo, e sim pela interpretação a partir dos significados atribuídos a esse processo. Tais significados são construídos na interação social a partir da comunicação e, assim, são um elemento-chave para entender os processos de interação.

Assim, a comunicação é vista como instrumento de criação da realidade através de um processo dinâmico e interativo, logo, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Blumer aponta três premissas básicas do Interacionismo Simbólico:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantem com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizados pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p. 119)

Ou seja, o indivíduo age diante de situações e de outras pessoas de diferentes formas devido ao significado dado a essas coisas e pessoas; esse significado é construído a partir das interações sociais e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo próprio

ao indivíduo. É importante ressaltar que esse processo de interpretação pelo qual são formados e manipulados os significados é contínuo, circular e dinâmico.

Bueno (2015, p.61) nos lembra que para Mead quando uma ideia é partilhada entre indivíduos e isso promove uma mudança no modo de agir e reagir tem-se, então, um “símbolo significante”. Assim, continua a autora, a base do significado só pode ser encontrada na conduta social, que se constitui por símbolos significantes. Portanto, a interação simbólica se caracteriza como a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não por uma ação direta do outro, mas substancialmente por meio da interpretação dessas ações a partir do significado que lhes foram dados. “O Interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais. Criações elaboradas em e através de atividades humanas determinantes em seu processo interativo” (BLUMER, 1980, p. 121) .

Em síntese, para o Interacionismo Simbólico, os significados não são próprios dos objetos e nem resultam de elementos psicológicos do indivíduo, mas emergem a partir do processo de interação social e as ações operam a fim de definir os objetos. Em vista disso, o Interacionismo Simbólico vê o significado como um produto social, criado na e por meio da linguagem e da comunicação. Dessa maneira, entendemos que o Pragmatismo, principalmente ao considerarmos os conceitos de crença hábito e dúvida, se relaciona ao Interacionismo Simbólico, especialmente no que toca as suas premissas básicas, de modo a sustentar nossa intenção de compreender como se dão os processos de significação nas redes sociais.

A Interação simbólica on-line

Com a emergência da Internet e sua popularização, constituiu-se o ciberespaço, entendido aqui segundo Lévy (1999), como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Desse modo, temos uma nova forma de comunicação complexa e descentralizada, em que “quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal” (LÉVY, 1998), onde se permite a busca da informação desejada sem depender das mídias tradicionais, como a TV, o jornal e o rádio. Assim, já é possível afirmar que a Internet e o ciberespaço constituem locais importantes de construção e circulação de sentidos.

O ciberespaço tem sido um lugar em que surgem novas formas de sociabilidade e de interação entre os indivíduos da sociedade, criando laços entre as pessoas e, conseqüentemente, uma comunidade, agora virtual e organizada em forma de redes sociais virtuais. Para Castells

(2003, p. 48), essas redes se caracterizam por sua formação autônoma, onde qualquer indivíduo pode encontrar sua destinação e por permitir uma comunicação livre, horizontal que “sintetiza a prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras”.

Segundo o autor, a Internet se tornou essencial para a comunicação e organização das sociedades contemporâneas, sendo óbvio que o processo político e os movimentos sociais a utilizem (idem). Atualmente, tanto para políticos, quanto para os movimentos sociais e/ou pessoas comuns as redes sociais são um canal de comunicação, direto, horizontal, com certa liberdade e acessível economicamente, promovendo, desse modo, que cada indivíduo se expresse. Além disso, as redes sociais permitem uma intensificação de interconexões entre os atores na sociedade, o que pode contribuir para sua melhoria, pois como ressalta Lévy (1998, p. 41) “quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma econômica ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente contemporâneo”.

É importante destacar, aqui, as redes sociais configuram um terreno disputado, pois é um espaço privilegiado, como afirma Castells (2003, p. 114), “para atuar, informar, recrutar organizar, dominar e contra dominar”. Além disso, ressaltamos que apesar da aparente liberdade de expressão e conteúdos nas redes sociais, o acesso a esses conteúdos é, muitas vezes, filtrado e limitado. Essa limitação pode ocorrer devido a diversos fatores que vão desde questões socioeconômicas á questões técnicas como limitação da banda de Internet ou ainda a filtros algorítmicos presentes nas redes sociais que mediam e organizam os conteúdos. Saad e Bertochi (2012) apontam o caso do Facebook, em que o “algoritmo é utilizado especialmente para ordenar elementos (dados sobre outros usuários) por critério de importância (definida pelo programador da empresa)”. Entretanto, as redes sociais ainda nos parecem um ambiente que permitem aos usuários produzirem com certo de liberdade criativa, em que os indivíduos se apropriam e circulam de conteúdos, reforçando e manipulando seus significados.

Movimentos de ordem político-social, como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street, utilizaram, principalmente, as redes sociais para organizar e elaborar formas de engajamento popular. E da mesma forma, as manifestações populares ocorridas em junho de 2013, no Brasil, se fortaleceram e conseguiram aglutinar multidões em torno de sua causa. Após essas manifestações, governos municipais, estaduais e federal se viram obrigados a responder, de alguma forma, às exigências dos manifestantes. Exigências essas, discutidas e materializadas

no ciberespaço, mostrando como as redes sociais podem ser um espaço de discussão e mobilização política devido sua facilidade de uso e sua agilidade na troca de informações. Santaella (2016, p.72) afirma que as redes sociais, “mais do que favorecer a circulação, abrem espaço para a formação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, instaurando uma cultura colaborativa, em que todos participam, e que evolui conforme a necessidade e exigência de seus membros”.

Desse modo, entendemos o Interacionismo Simbólico como um conjunto teórico adequado para o estudo das relações na internet, posto que essa teoria parte do pressuposto que uma comunidade é formada por indivíduos que agem conforme os significados construídos na interação social e dados aos atos, fatos e coisas. Se em seu início – em um contexto urbano que permitiu o contato de diferentes culturas e modos de ver o mundo, como dito anteriormente – os interacionistas voltaram suas pesquisas essencialmente para as interpelações face a face. Agora, em um momento em que as possibilidades de contato se potencializam devido surgimento da cibercultura, é possível dizer que o Interacionismo Simbólico obtém um novo ponto de interesse e uma nova força. Se antes a cidade e as interações que possibilitava era o o ponto de partida para a pesquisa, agora a Internet e as tecnologias digitais se firmam como tal. Ressaltamos, aqui, nossa crença que uma renovação da perspectiva interacionista se faz necessária, pois temas centrais do debate contemporâneo; autores e teorias atuais que estudam o ciberespaço acabam muitas vezes abordando discussões sobre os processos interativos. Temos um exemplo em Lévy (1995), que, falar sobre a interação por meio de canais digitais, afirma: “Longe de se adequarem apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginação, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos (1995, p. 16).

Em nosso entendimento, reforça-se, cada vez mais, a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo e criativo, o que o constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LÉVY, 1998). Assim, temos que a produção e circulação de conteúdos, aliadas às particularidades técnicas disponibilizadas no, e pelo, ambiente, podem oferecer condições para a emergência de certos comportamentos sociais entre os indivíduos. Ao mesmo tempo que estes indivíduos utilizam-se dessas condições para a formatação de novos cenários de interação, em que são negociados novos significados. Tais

suposições vão ao encontro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social.

Propomos, então, que os objetos – discursos, imagens, etc. – circulados entre os usuários de redes sociais podem ser interpretados como produtos sociais formados e transformados através de um processo de (re)significação constante, ocorrido a partir das interações sociais online. Sugerimos que isto ocorreria também no ambiente de compartilhamento de conteúdos do Facebook e em sua ferramenta de comentários, pois, como diz Blumer (1969) a respeito da natureza da ação humana, o indivíduo se confronta com um ambiente no qual deve interpretar a fim de agir e programar linhas de ação a partir de suas interpretações.

Considerando os usuários também como produtores é que entendemos que as atividades de indivíduos no Facebook incluem, não apenas a recepção, mas também, a produção organizada de conteúdos; sendo estes criados seguindo objetivos específicos e direcionados para determinados públicos, em busca de obter um maior alcance ou resposta. Resposta essa que, no Facebook, se configura na forma de comentários, compartilhamentos e “curtidas”.

Portanto, vemos um processo de negociação social, onde em troca do conteúdo o indivíduo busca uma reação, que é estimulado e complexificado por meio dos recursos disponibilizados no site (comentários, “curtidas” etc.). Tais recursos além de atuarem como mediadores da interação, também são apropriados e imbuídos de significados pelos usuários em um processo interpretativo constante, sendo assim necessários para o próprio site.

Por fim, de acordo com os pontos elencados, temos que os significados não são dados apenas pelos discursos presentes e publicados por cada usuário, mas é incorporado e transformado pelo modo como as respostas às ações dos outros usuários afetados se dá. Ou seja, esses conteúdos circulados são produtos sociais (re)construídos através de um processo de interação social, condicionado e formatado pelas características e possibilidades técnicas próprias do ambiente. Nesse sentido, nos perfis de cada usuário do Facebook, os significados são construídos a partir da interpretação de cada participante, porém de forma coletiva.

Considerações finais

Procuramos mostrar em nossa reflexão como uma realidade pode ser criada e alterada a partir de processos de significação e interpretação, tais suposições encontram amparo dentro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos

às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Desse modo, reforça-se a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo, o que constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998).

Referências:

BAKER JI. The self as an internal dialogue: Mead, Blumer, Peirce, and Wiley. **The American Sociologist**. 2005 Mar 1;36(1):75-84.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology**. University of Chicago Press, 1972.

BLUMER, H. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, David. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980

_____. **Symbolic interactionism: Perspective and method**. University of California Press, 1986.

BUENO, Thaisa Cristina. **Para que servem os comentários de leitores na internet?: Estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo**. 2015. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS: PUC RS

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

DE WAAL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Edições Loyola, 2007.

FRANCA, V. R. V.; SIMOES, P. G. . A Escola de Chicago. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.).. (Org.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 138-146.

_____. A Escola de Palo Alto. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.).. (Org.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 170-178.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 9, 1998.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Letras, 1995

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place**: The eletronic media on social behavior. London, Oxford University, 1985

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000

_____. **Collected Papers**. Charlottesville (Estados Unidos): IntelLex, 1994. 1 CD-ROM, Windows

_____. **The Essencial Peirce – Volume 1**. Bloomington (Estados Unidos): Indiana University Press, 1992.

_____. **The Essencial Peirce – Volume 2**. Bloomington (Estados Unidos): Indiana University Press, 1998.

_____. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975

POZZOLI, Vanessa Luciano. **“O que entende você por pragmatismo?”**: alguns confrontos entre os pragmatismos de C. S. Peirce e W. James. 2016.76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SAAD CORREA, Elizabeth; BERTOCCHI, Daniela. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, v. 137, 2010.